



Os coordenadores Edith Siqueira e Roberto Lage (mostrando a língua) entre "atores"

Manicômio paulista substitui choque por encenação teatral

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO— Marcados pelo duplo estigma da loucura e do crime, os internos do Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo, 280 homens e 50 mulheres, vivem agora, como atores de teatro, a experiência de serem personagens vivos do próprio sofrimento.

Os diretores teatrais Roberto Lage e Antonio Herculano, coordenadores do projeto, dizem que o objetivo vai além do mero entretenimento: a intenção é reavivar a consciência crítica debilitada por toda espécie de traumas, inclusive pela própria estrutura do Manicômio Judiciário. E, ao contrário do que se esperava, a nova diretoria do manicômio demonstrou vivo interesse pelo projeto.

Ao teatro do manicômio vai quem quer e, a cada dia, o número de interessados aumenta, especialmente porque se trata de uma oportunidade para que homens e mulheres, separados em pavilhões diferentes, se encontrem. No pátio do manicômio, os doentes viram atores durante dois dias da semana.

Cantam, choram, às vezes, aprendem a ser mais críticos, vão perdendo o medo e usam a dramaturgia até para criticar o próprio tratamento, sobretudo aquele recebido nos anos mais sombrios do manicômio.

Alguns preparam peças para serem exibidas no final do ano. Outros só improvisam: greve dos ônibus, sátira aos políticos, encontros amorosos — qualquer assunto é aproveitado pela criatividade dos internos. "Vamos interpretar uma fuga coletiva do manicômio", sugere um detento — os outros riem — "mas não pode furar como aquela de dois anos atrás". Ele se refere a uma tentativa de fuga frustrada que culminou na morte de seis pacientes e um funcionário. Há os que só assistem, outra forma de participar: "Não tenho ânimo para essas coisas", revelou um doente encolhido num canto do pátio, há dois anos

no manicômio por ter matado seu irmão durante um surto psicopático. "Mas me distraio observando", "diz ele".

No Manicômio Judiciário há pacientes que cumprem a medida de segurança detentiva e também os que, igualmente por determinação judicial, ali se encontram para tratamento e exame de sanidade mental. Todos parecem personagens que, como na peça de Pirandello, estão a procura de um autor para seus conflitos. São muitos os psicólogos e psiquiatras que participam desta busca. "O exercício do teatro no manicômio, além de nos aproximar mais dos pacientes, também tem sido um grande liberador de energia", diz o psiquiatra Joaquim Machado, presença assídua nessas reuniões.

Outro funcionário, o psicólogo Cláudio Cobiainchi, participou de uma montagem em que um paciente lhe reservou o papel de um político pouco confiável. "Os doentes parecem gostar de ver os funcionários dando corpo a sua idéias", conta a atriz Edith Siqueira. É o sabor de uma deliciosa inversão de normas que o teatro propicia aos detentos.

O diretor Roberto Lage — que dirige atualmente na capital paulista a peça *Meu tio Lauretê* e *O Colecionador*, em cartaz nos teatros — lembra que há 13 anos idealizou algo semelhante com menores internos da Febem (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor). A peça acabou proibida por Lila Byington, mulher do então governador Paulo Egídio Martins e à época diretora do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo.

— Ela queria uma pecinha inocente com temas distantes da realidade das crianças, mas os resultados foram outros. Preparei uma apresentação que expunha de forma crítica os bastidores da Febem e, em seguida, fui dispensado — conta Lage, autor ainda de trabalhos similares na Penitenciária Feminina da capital e no presídio de Tremembé, no Vale do Paraíba, interior paulista. Esses projetos não foram vistos, com bons olhos pelos administradores. Agora, no Manicômio Judiciário, a visão administrativa é completamente diferente.